

**A morte de Medeiros e Almeida**

**Muitas obras de arte e antiguidades num valioso museu legado ao Estado**

UM REPOSITÓRIO de inúmeras obras de arte e antiguidades, nacionais e estrangeiras, de diversas épocas e estilos, integra a colecção que António Medeiros e Almeida legou à cidade de Lisboa para fazer parte de um museu no âmbito da Fundação que instituiu com o seu próprio nome.

António Medeiros e Almeida faleceu, inesperadamente, quarta-feira, mas a notícia da morte não foi participada por sua expressa determinação.

Completara em Setembro 90 anos, mas, apesar da propecta idade que atingira, manteve até aos derradeiros momentos a maior lucidez e grande energia, que resultava não só da sua constituição física, mas de hábitos de vida extremamente regrados, à rejeição total do tabaco e ao regime alimentar naturalista que adoptou, há cerca de 20 anos, ao ser acometido por um enfarte de miocárdio.

Natural de Lisboa, descendia contudo de uma família açoriana que se radicou no continente no último quartel do século XIX. Seu pai, o dr. Sivestre de Almeida, que foi médico assistente de vários intelectuais e artistas, entre os quais o pintor Veloso Salgado, procurou encaminhar os filhos para a mesma profissão. António Medeiros e Almeida ainda frequentou em Lisboa e em Coimbra o curso até ao terceiro ano, abandonando-o, entretanto, ao ser chamado para prestar serviço militar, por ocasião da I Grande Guerra. Em seguida, consti-

tuíu família e entregou-se, depois, a várias actividades comerciais e industriais, quer em Lisboa, quer nos Açores, ligando-se primeiro nesta região a Bensaúde e Companhia e, posteriormente, à fabricação do açúcar e à exploração dos transportes aéreos no arquipélago, através da SATA.

Algumas dessas organizações e empresas geriu-as até ao fim da vida. Foi, também, presidente da Fundação Salazar, organização que tinha por objectivo construir casas para substituir os bairros de lata. Não exerceu, contudo, cargos políticos no antigo regime, com o qual se identificou, apesar de ter sido convidado para embaixador de Portugal em Londres, quando o duque de Palmela terminou ali o exercício das suas funções.

**Coleccionador de arte**

Tal como se verificou com o seu amigo de adolescência e colega de curso (que também não concluiu) Francisco Barros e Sá, dedicou-se António Medeiros e Almeida a coleccionar obras de arte e antiguidades, reunindo, ao longo de meio século, um acervo notável de mobiliário, pratos, jóias, cerâmica, escultura e pintura.

A avultada fortuna que possuía fez com que tivesse em Londres, em Paris, nos Estados Unidos e noutros centros de projecção internacional agentes que o informavam do que era posto em leilão e que sempre que lhe interessava adquiria, não se importando muitas vezes



**Medeiros e Almeida foi toda a vida um coleccionador de arte**

com a alta cotação que atingia no mercado.

Destaca-se neste vasto e diversificado conjunto a maior colecção de relógios existente no País e, porventura, das mais completas do mundo. Um dos exemplares mais curiosos é o relógio que pertenceu a Junot e pela sua morte ao duque de Wellington, e que António Medeiros e Almeida viria, anos depois, a arrematar, por uma verba fabulosa, referida com espanto nos próprios jornais ingleses.

**Um espólio diversificado**

Por não ter filhos e outros herdeiros directos, ainda em vida da sua mulher, António

Medeiros e Almeida, criou, em 1972, uma fundação legando o seu património artístico ao Estado. A fundamentação legal da referida fundação foi, mais tarde, aprovada oficialmente, por despachos emanados em Abril de 1978 e Maio de 1980, pelos organismos governamentais que superintendem no pelouro da Cultura.

Esse espólio encontra-se cuidadosamente exposto em duas moradias na Rua Rosa Araújo em Lisboa (onde residia) e descrito em pormenor, num artigo do médico e crítico de arte açoriano, Jorge Gamboa de Vasconcelos, publicado em 29 de Novembro de 1984, no suplemento «Cultura», do *Diário de Notícias*. É um museu que a maior parte de Lisboa desconhece e que António Medeiros e Almeida não conseguiu abrir ao grande público, uma vez que aguardava oportunidade para obter recursos financeiros que assegurassem os meios indispensáveis para um funcionamento autónomo.

Caberá, agora, aos testamentários, de colaboração com os organismos e entidades do sector, accionar, tão breve quanto possível, as medidas necessárias para a conservação e a manutenção daquele espólio e de providenciar, ao mesmo tempo, quanto ao acesso do público às diversas colecções que constituem um todo que reflecte o gosto e os interesses de quem o formou, no decurso da maior parte da sua vida.

**António Valdemar**